

CULTURA POP JAPONESA E AS NOVAS REFERÊNCIAS MIDIÁTICAS: O FENÔMENO OTAKU E HIKIKOMORI

Cecilia Noriko Ito Saito*

Recebido: 25 set. 2012

Aprovado: 08 out. 2012

* Pós-Doutorado (em andamento) no Programa de estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Bolsista Pós-Doutorado FAPESP. Processo no. 2011/07451-2. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: ceciliasaito@uol.com.br

Resumo: Apesar do uso intenso da tecnologia e seus produtos midiáticos e da excessiva “possibilidade” de comunicação, a contemporaneidade japonesa convive com a crescente estatística dos indivíduos cujo comportamento caracteriza-se pelo confinamento radical de seus corpos. São os chamados “Hikikomori”, indivíduos que permanecem isolados em suas casas (ou em seus quartos), durante anos ou décadas e muitas vezes, sequer mantêm contato com seus familiares. Dentro deste contexto, duas instituições japonesas, uma governamental, a Nagano-Ken Seishin Hoken Fukushi Center, e outra não governamental, a NPO New Start oferecem, suporte e outros encaminhamentos ao hikikomori e suas famílias. Ainda pouco conhecido no Brasil, este tema está mobilizando a opinião pública mundial, principalmente devido ao número crescente de ocorrências que vêm sendo levantadas pelas várias mídias. Em março de 2012, como parte do meu projeto de Pós-doutoramento, financiado pela FAPESP¹, tive a oportunidade de entrevistar os dirigentes destas instituições, em Nagano e Chiba e a partir deste encontro, novas descobertas possibilitaram novas reflexões. Alguns termos antes desconhecidos acabam tornando-se referência, e como parte desta proposta, além de trazer a temática Hikikomori para discussão, pretende-se trazer alguns destes termos (NEET, wokingu pua, Parasaito shinguru, entre outros) e sua relevância no cenário da cultura pop do Japão.

Palavras-chave: Hikikomori. Otaku. Cultura pop japonesa.

JAPANESE POP CULTURE AND NEW MEDIA REFERENCES: THE OTAKU AND HIKIKOMORI PHENOMENON

Abstract: Despite the heavy use of technology and its media products and excessive “possibility” of communication, the contemporary Japanese live with the growing statistics of individuals whose behavior is characterized by extreme confinement of their bodies. They are called "Hikikomori", individuals who remain isolated in their homes (or in their rooms) for years or decades and often avoid contact even with their families. Within this context, two Japanese institutions, one governmental, Nagano-Ken Seishin Hoken Fukushi Center and another nongovernmental NPO, New Start, provide support and references to hikikomori and their families. Still relatively unknown in Brazil, this theme is mobilizing world public opinion, mainly due to the increasing number of incidents that have been raised by various media. In March 2012, as part of my postdoctoral project, funded by FAPESP, I had the opportunity to interview the leaders of these institutions

¹ Projeto O Universo Otaku e Hikikomori, novas formas de comunicação no Japão Contemporâneo recebe auxílio financeiro da FAPESP e é supervisionado pela Profa. Dra. Christine Greiner, do Centro de Estudos Orientais da PUC-SP.

in Nagano and Chiba, and from these meetings, new discoveries have enabled new insights. Some previously unknown terms have eventually become current reference, and as part of this proposal, in addition to bringing the Hikikomori topic for discussion, it is intended to bring up some of these terms (NEET, wokingu pua, Parasaito shinguru, among others) and their relevance in the scenery of pop culture in Japan.

Key words: Hikikomori. Otaku. Japanese pop culture.

INTRODUÇÃO

A cultura pop japonesa veio conquistando espaço mundial, a partir da década de 1960, com a popularização da televisão. Os animes das grandes produtoras, exportadoras de produtos considerados “diversão de baixo custo” passaram a invadir os lares de forma abrangente. Com isso, a estética dos olhos grandes ou dos cabelos espetados acabou tornando-se familiar² e sinônimo da estética japonesa. Mas, mesmo entre os próprios japoneses acreditava-se que as manifestações da cultura pop não passariam de modismos, pairando certo preconceito. A pesquisadora Margrit Brehm (2002, p. 8) comenta que, atualmente, as fontes de experiências visuais de mundo são: a televisão e o computador e o novo desenvolvimento figurativo surge do mundo mídia: o *mangá* e o *animê*. O cotidiano tornou-se código que expressa uma condição social e uma orientação visual (SAITO, 2009, p. 225). Este cenário vê surgir a cultura otaku e em seguida, seu desdobramento, o hikikomori.

O termo hikikomori está atrelado à cultura otaku, como uma espécie de subgrupo, embora esta afirmação possa incitar vários debates. Apesar das diferenças, a relação pode ser percebida por certas características, a exemplo do colecionismo. Para conhecer este universo, uma das referências bibliográficas tem sido a pesquisa do jornalista francês, especializado em tecnologia, Étienne Barral (2000) “*Otaku, os filhos do virtual*” publicado pela Editora SENAC-SP, que se tornou leitura indispensável para os interessados no assunto. Barral reside no Japão desde 1986 e é um profundo conhecedor da cultura japonesa.

Em 2011, quando dei início à pesquisa de pós-doutoramento pude perceber que muitas informações clamavam por atualização, mesmo porque, desde o lançamento da obra de Étienne Barral até a atualidade, inúmeras mudanças haviam acontecido, destacando o universo

² SATO, Cristiane. Disponível em: <www.culturajaponesa.com.br>. Acesso em: 30 jan. 2011.

hikikomori, que nem fora ainda citado naquela época. Por outro lado, refletindo sobre a pergunta que o leitor deve estar se fazendo: O que vem a ser um otaku? E um hikikomori? Partindo destas questões iniciei minha pesquisa com o intuito de analisar pelo viés dos processos comunicacionais, as paradoxais relações entre um sistema saturado pelos aparatos tecnológicos de comunicação e um universo crescente de indivíduos que se encontram em confinamento radical de seus corpos (SAITO, 2012b, p. 102).

No projeto *O universo otaku e hikikomori, novas formas de comunicação no Japão contemporâneo* está incluído também a proposta de elaboração de um website que pode ser visto pela URL: www.otakuhikikomori.org (elaborado em parceria com os pesquisadores do Centro de Pesquisa em Cultura Japonesa de Goiás, Bruno Leme e Eduardo Ávila) e um Blog: www.hikikomorismos.blogspot.com.br (atualizado em parceria com o jornalista Prof. Dr. Marco Souza), canais de comunicação que procurarão interagir junto aos objetos/atores em questão. Com o intuito de analisar a repercussão da temática nas redes sociais da internet, criamos um canal de discussão (elaborado em parceria com a pesquisadora da Unifesp Renata Saito) nas redes sociais LinkedIn, no grupo *Friends of Japan (Nippon no Yuujin)*, em meados de 2011. Este grupo de discussão surpreendeu de forma positiva recebendo inúmeras mensagens vindas de várias partes do mundo, apontando um universo de questionamentos e ansiedades “aparentemente” sem soluções. Pessoas que desejavam externalizar sentimentos de impotência e fragilidade ante a um confinamento “aparentemente” voluntário. Durante alguns meses estivemos coletando dados para esta pesquisa que integrará a publicação final do pós-doutorado.

O UNIVERSO OTAKU E HIKIKOMORI – CONTEXTUALIZAÇÃO

Para o pesquisador Azuma³ (2001), estudioso da cultura otaku, a primeira manifestação do fenômeno ocorreu por volta da década de 1960, havendo uma classificação gradativa; a segunda etapa ocorreu com os indivíduos nascidos na década de 1970 e a terceira, com aqueles nascidos na década de 1980. Embora Azuma aponte a década de 1960 como a de origem da cultura otaku, sua consagração no Japão se deu por volta da década de 1980 pela sedução das

³ A cultura otaku espelha as transformações da sociedade japonesa do pós-guerra, o que motivou o consumo, sacrificando a busca por um maior significado na vida, comparado à gratificação instantânea e quase animalesca.

novas referências visuais, destacadas pelas imagens de mangá⁴ e animê⁵. Podemos dizer que a figura otaku é fruto da cultura pop japonesa e da primeira geração multimídia que cresceu no período de forte prosperidade econômica do Japão. Em 1989, o termo conquista visibilidade, embora não de forma positiva, pois esteve atrelado à notícia do assassinato de quatro meninas por um rapaz⁶ reconhecido como sendo um típico otaku. O episódio não conseguiu destruir a identidade do grupo que permanece como um fenômeno até a atualidade.

O termo “otaku” foi citado pela primeira vez pelo jornalista japonês Nakamori Akio (em 1983) em um artigo escrito para a revista *Buricco* (SAITO, 2012a, p. 15). É uma palavra de difícil tradução, aproximando-se de certo modo ao termo americano *nerd*, embora nem mesmo essa semelhança consiga dar conta da explicação ao fenômeno, que é considerado tipicamente japonês (BARRAL, 2000). O termo pode designar “o lugar onde se vive” ou um tratamento impessoal dirigido a alguém quando não há a intenção de um aprofundamento na relação. A palavra hikikomori pode ser traduzida como algo similar a “isolado em casa”. O hikikomori tem como principal característica o auto-enclausuramento. Carregando em seus corpos o estigma dos excessos da sociedade moderna japonesa, o otaku torna-se referência para a juventude mundial (BARRAL, 2000).

O hikikomori pode permanecer trancafiado em seu lar durante meses, anos ou décadas, recusando-se a manter qualquer tipo de contato físico com seus semelhantes. O termo tornou-se objeto de interesse dos pesquisadores de várias nacionalidades. Atualmente, inúmeros casos podem ser vistos na Internet, em vídeos, animes e outras manifestações. Muitas similaridades podem ser percebidas entre os indivíduos otaku e hikikomori, como por exemplo, o fanatismo por coleções ou mesmo o gosto pela Internet. Porém, os otaku não se isolam fisicamente, possuem uma vida de atividades sociais e muitos se tornam bem sucedidos em suas carreiras.

No Japão, casos de isolamento radical estão sendo considerados problemas de saúde pública⁷, conforme apontado pelo psicólogo Saito (1998) (autor da nomeação ao fenômeno

⁴ História em quadrinhos; palavra que surge da junção do ideograma “man” (humor) e “gá” (desenho).

⁵ Animação (forma contraída da palavra *animation* em inglês).

⁶ Tsutomu Miyazaki, um otaku de 27 anos.

⁷ Para o psicólogo Saito grande parte da população adolescente masculina estaria vivendo em situação de total reclusão, porém, devido ao comportamento isolacionista e a camuflagem existente nos nichos familiares, o número oficial de hikikomoris não pode ser medido com exatidão.

hikikomori). E, segundo o professor Takeuchi, da Nagano-ken Seishin Hoken Fukushi Center (em Nagano), isso tem ocorrido também na Coreia, embora tenhamos informações de que existem casos desse tipo na Inglaterra e na França e até mesmo no Brasil, embora ainda não se tenha uma estatística oficial sobre esta questão. Conforme relatou o professor Takeuchi, a partir do momento em que a instituição governamental passou a oferecer auxílio ao hikikomori e a constar como item em sua lista, a procura pelo serviço triplicou em questão de meses, seja por meio de telefonemas, e-mails, ou pelo contato dos próprios pais à instituição.

Para a professora Mary Brinton (2011), da Universidade de Harvard, existe uma juventude perdida na transição da ideia de “localização social” que movimenta as pessoas entre as posições na sociedade japonesa. Esse trâmite era realizado pelas instituições sociais que davam suporte aos jovens na relação escola/trabalho, antes da crise econômica da década de 1990. Durante muitos anos, a pesquisadora analisou vinte escolas no Japão, em várias partes do país, coletando dados para a sua pesquisa. Brinton pontua que, nas posições sociais, os indivíduos encontravam segurança e senso de identidade, mas com a ruptura das instituições que guiavam os indivíduos nesta localização social, o que surge é uma profunda implicação naquilo que já estava previamente estabelecido.

O impacto dessas transformações institucionais acabou afetando principalmente os jovens com menor grau de escolaridade. Brinton (2011) analisa a importância da ligação dos indivíduos no chamado “*ba*” considerado importante para o sucesso material na vida e na sua identidade. O conceito de *ba* é difícil de ser transmitido, sendo parte dos estudos da socióloga Nakane Chie sobre a sociedade japonesa e sua estrutura social. Nakane traduziu *ba* como sendo um quadro (ou frame), que pode ser: uma localidade, uma instituição ou uma relação particular que liga um conjunto de indivíduos a um grupo, delimitando a coletividade. Nesse contexto, Brinton (2011) reflete sobre a questão: o que acontece quando as escolas não são mais o *ba* que poderia ajudar os jovens a encontrar trabalho para as suas vidas? O que se torna evidente é uma mudança em seu estilo de vida, agora voltado para a não estabilidade, ou seja, passam a circular muito mais enquanto força de trabalho. Um fato curioso e cada vez mais crescente, pontuado por Brinton é a postura dos jovens que acabam morando por longo tempo na casa dos pais, mesmo atingindo a vida adulta e se desinteressando pelos compromissos sociais, tais como: casamento e

maternidade, que configuram as duas marcas da idade adulta, lotada de responsabilidades, além, evidentemente, do trabalho em tempo integral.

Alguns termos acabaram surgindo nessa época e são detalhados por Brinton (2011) em seu livro *Lost in transition, youth, work and instability in Postindustrial Japan*, tais como: *Kakusa* (desigualdade econômica); *NEET* (jovens que não estão estudando e nem trabalhando); *Furitâ* (do termo inglês *Free Time*, jovens que livremente movem-se, de trabalho em trabalho); *Parasaito shinguru* (jovens que vivem com seus pais e dependem deles financeiramente); *Hikikomori* (a maioria do sexo masculino, com idade entre 20 ou 30 anos); *Wakingu pua* (working poor); *Net-café refugees* (pessoa sem-teto que vive no internet café); *Shôshika* (taxa de natalidade em declínio), que a mídia japonesa costuma trazer à tona. Na visão da autora, grande maioria dos recém-formados, não conta mais com a garantia do emprego seguro, surgindo assim, uma “geração perdida” que teve início nos anos 90 e é constituída por grupos de jovens incapazes de obter a estabilidade econômica, que antes sinalizaria a passagem para a vida adulta.

A nomeação ao fenômeno Hikikomori ocorreu no Japão, porém não é um acontecimento localizado. O jornalista da BBC News⁸, Phil Reeves realizou uma reportagem em 2002 sobre hikikomori no Japão e recebeu inúmeros depoimentos vindos de seu próprio país, contando experiências de pais que tinham um hikikomori em casa. Na reportagem, Reeves entrevistou o Dr. Henry Grubb, um psicólogo da Universidade de Maryland, que desenvolveu um estudo acadêmico sobre o tema no Japão, afirmando que embora os jovens estudantes de todo o mundo sofram com medos e até com agorafobia⁹, o hikikomori é uma condição específica que não existe em nenhum outro país. A reportagem aborda uma entrevista com o psiquiatra Saito (1998) que acredita que a causa do problema está inscrita na história da sociedade japonesa em que a nobreza da solidão é celebrada pela cultura tradicional.

Em entrevista realizada com a diretora Kumi Kitazawa, da NPO New Start, ela comentou sobre a parceria iniciada pelo fundador Futagami Nouki, no tocante à criação de unidades de apoio ao hikikomori na Itália. Assim, os jovens em recuperação podem realizar intercâmbios nos

⁸Japan: The missing milion: Sunday 20 October 2002 on BBC Two at 1915 BST
<http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/correspondent/2334893.stm>

⁹Agorafobia é um tipo de transtorno relacionado ao medo de ter medo, ou seja, algo similar à antecipação da sensação de mal estar.

vários cursos de panificação e confeitaria, além de outros de interesses do grupo. Na ocasião em que visitei esta instituição, tive a oportunidade de conversar com uma jovem italiana que realizava intercâmbio para conhecer as *rental sisters* ou irmãs de aluguel. As irmãs de aluguel são geralmente jovens estudantes de psicologia, artes e outras áreas das ciências humanas, que atuam como *staff* para acompanhar e dar suporte aos hikikomori. Elas procuram convidá-los para atividades como, ida ao cinema, ao teatro, passeios em shoppings, etc. procurando estabelecer relação de proximidade e confiança. Todo o processo ocorre de forma gradativa e cuidadosa, sendo este momento de extrema cautela, tendo em vista a fragilidade da relação. Conforme informou a professora Kitazawa, existem etapas a serem seguidas nesse percurso e os primeiros contatos geralmente ocorrem por tentativas de visitas às residências e não pelo envio de e-mails como se imagina. Depois de muita paciência e do estabelecimento de confiança as *Irmãs de Aluguel* passam para a etapa, cujo objetivo é a retomada do convívio social do hikikomori. Para estas ações as estudantes recebem orientações e treinamentos, não contando com manuais como guias, pois entendem que lidam com questões muito mais subjetivas.

Uma das hipóteses da minha pesquisa parte da questão de que esse tipo de comportamento, que parecia ser uma escolha para milhões de jovens que não encontravam o seu lugar na sociedade japonesa, conforme pontuou Barral (2000, p. 16), após uma década, será que o isolamento de seus corpos e a presença virtual pelo uso intenso da tecnologia e das redes sociais, poderia ser visto como uma nova forma de identidade e concepção da espacialidade, constituindo um novo paradigma de comunicação para uma geração virtualizada pela internet? Logicamente não é uma questão que poderia ser respondida prontamente. Ao investigar as peculiaridades do problema, a proposta do projeto procura realizar uma varredura no tocante ao impacto das novas tecnologias utilizando as redes mundiais de comunicação para analisar os processos comunicacionais e comportamentais pertinentes aos grupos formados por tais indivíduos. O início deste percurso ocorreu pela construção do website e pelas trocas nas redes sociais (citados acima) e está atualmente em andamento. A ideia é que esses sistemas de comunicação possam viabilizar o contato com os objetos atores possibilitando trocas em um campo de experiências relevante ao universo pesquisado.

O ESTADO DO CORPO SER – TEORIA CORPOMÍDIA

Este projeto fundamentará suas principais questões seguindo a grade teórica da investigação “Corpomídia”, teoria que vem sendo desenvolvida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, da PUC-SP pelas professoras Christine Greiner (2005) e Helena Katz (2004) ao longo dos últimos dez anos. Esta investigação pesquisa os fundamentos teóricos que relacionam os estudos da Teoria da Comunicação (SODRÉ, 2002; HAUSER, 1997; MARTIN-BABERO, 2003) e das Ciências Cognitivas (DAMÁSIO e outros, 2000), pensando o corpo não como um veículo de transmissão de informações, mas sim como mídia de si mesmo (SAITO, 2010, p. 51). A Teoria Corpomídia (KATZ, 2004) pesquisa o “estado do corpo ser” e surge pela hipótese de que tudo o que é vivo existe como resultado sempre parcial de uma condição co-evolutiva; e apoia-se em outros entendimentos do binômio dentro/fora, que modificam a própria noção de fronteira. Ao observar um corpo, visualiza-se um “estado” e não um corpo que possui um modelo pré-estabelecido.

No processo em que a informação adentra o corpo e tudo se reorganiza novamente, podemos pensar sob essa perspectiva, que todo o corpo é um estado de “coisas” que dele fazem parte. No momento em que ocorre alguma modificação, ocorre também um inteiro rearranjo. A proposta é olhar para o corpo como um “estado processual” que está em constante mudança. O corpo não é pensado como um instrumento de alguém ou de um sujeito que o habita. Para o pesquisador que o analisará, a tarefa será observá-lo pelo viés da sua singularidade.

Em relação ao objeto desta pesquisa, além do aprofundamento na teoria Corpomídia, a fundamentação seguirá preceitos do neurocientista português António Damásio (2000), que estuda a questão dos sentimentos como marcadores somáticos sempre sinalizando para algo, apontando que a estabilidade está relacionada com a construção do “eu” (ou self). Damásio fala dos mapas cognitivos que são as experiências visuais, táteis, auditivas, viscerais e assim por diante, que estão dentro e fora do corpo simultaneamente, e nesse sentido, até mesmo os excessos visuais não são excluídos, pois pertencem às imagens perceptivas. Um dos itinerários reflexivos nas representações que ocorrem no corpo otaku/hikikomori transita pelas vias da complexa mistura dos sentimentos e emoções.

Quando um otaku ou um hikikomori se agarra aos aparatos de jogos ou na leitura de um mangá ou anime, o que estaria acontecendo em seu corpo? seu olhar? sua percepção? Conforme Damásio (2000, p. 192), “precisamos descobrir de que modo as representações do corpo se tornam subjetivas, de que modo se tornam parte do ser que as possui”. Existem dois componentes principais no mecanismo neural que estão por baixo do sentimento. O primeiro se registra no início do processo e o segundo está associado ao "eu". O cérebro necessita de um meio para poder representar a ligação de causa entre um indivíduo e o estado do seu corpo. As associações positivas ou negativas que ocorrem, acontecem provavelmente na chamada zona de convergência que intermedia os sinais do corpo e sinais relativos à entidade que causa a emoção. Com isto se preserva a ordem no início de toda atividade cerebral mantendo a atividade e atenção por meio de conexões de feedback (DAMÁSIO, 2000, p. 193).

Em seu livro “O erro de Descartes”, Damásio (1994) estuda a emoção e o sentimento no tocante à tomada de decisões, e em “O mistério da consciência” procura descrever a emoção e o sentimento na construção do “eu”. O cérebro possui várias regiões que trabalham em conjunto retratando sob aspectos variados as atividades do corpo pelos mapas neurais, que estão em constante modificação. O estudo das questões ligadas ao sentimento e à emoção poderia auxiliar a neurobiologia a entender o problema mente-corpo. A emoção e as várias reações com ela relacionadas estão alinhadas com o corpo, enquanto os sentimentos estão alinhados com a mente (DAMÁSIO, 1994, p. 15). A relevância da pesquisa de Damásio no tocante ao estudo do corpo otaku/hikikomori, está também em sua contribuição para o tratamento das causas de alguns sofrimentos humanos, entre elas, a depressão e a dor, que serão investigadas no percurso da pesquisa macro. Em muitas entrevistas realizadas pelo jornalista Étienne Barral (2000) no livro “Otaku, os filhos do virtual”, tais questões são frequentes no universo otaku, e conseqüentemente para o hikikomori.

Damásio (2003) estuda ainda alguns conceitos como alegria e tristeza em seu livro “Em busca de Espinoza”, e essa evocação, leva em conta as considerações sobre os afetos enquanto polo central para a humanidade. Para o filósofo Espinosa, mente e corpo são manifestações de uma substância única (pensamento inovador para a sua época), apontando o organismo como dotado de tendência natural para sua própria regulação.

O estudo das ações que não estão separadas da cognição e acontecem em tempo real fazem parte da área de interesse desta pesquisa. Além de Damásio, os estudos de Andy Clark (2011) em seu livro “Supersizing the Mind, embodiment, action and cognitive extension” têm sido igualmente relevantes para o desenvolvimento deste projeto. Para Clark, a relação dos objetos com o mundo é organizada como uma distensão, uma continuação da mente. Andy Clark entende a mente como algo que não está somente “dentro” do corpo, mas, seus estados se distendem no mundo. A mente não está enclausurada no cérebro e cada ação deixa seus vestígios no ambiente. Os sentimentos também são percebidos como ações e nunca são passivos. Nesse contexto entrariam as ações que “estariam por acontecer” como no caso do sujeito no videogame ou nos jogos on-line.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem deste assunto tem motivado inúmeras discussões e estranhamentos. Chegar às considerações finais torna-se angustiante tendo em vista as centenas de questões que ainda continuam soltas no ar. O projeto final, ao qual denominei Projeto macro, está previsto para ser concluído em junho de 2013. O intuito da pesquisa é trazer o tema para discussão e reflexão no Brasil e a partir desta etapa, que novos desafios sejam sugeridos. Para esta etapa inicial, vale lembrar alguns momentos importantes, em meados de 2011, no Centro de Estudos Orientais, da PUC-SP, fui convidada pela Profa. Dra. Christine Greiner, supervisora deste projeto, para apresentar a pesquisa em um seminário com os pesquisadores. Além das inquietações no debate final, fomos surpreendidos pelo depoimento de um dos membros do grupo. O designer e pesquisador FS comentou que em certa etapa de sua vida havia se tornado um hikikomori (por cerca de um ano e meio) vivendo feliz sua vida virtual no *Second Life*. Segundo sua visão, aquele era um universo perfeito, pois descobrindo que, ao criar e vender suas estampas de bolsas on-line e ver sua conta bancária ser recheada, poderia simplesmente permanecer vivendo daquela maneira e encontrando seus diferentes amigos (de várias partes do mundo) on-line. Tudo poderia seguir assim, na opinião de FS, mas sua mãe e sua irmã não se conformaram com essa situação e acabaram tirando-o à força de seu quarto, preocupadas sua saúde física e mental. E esse depoimento incitou novos questionamentos entre os pesquisadores do Centro de Estudos

Oreintais. Até que ponto elas agiram corretamente? E por que os pais de hikikomori permitem que seus filhos permaneçam enclausurados? Não seria mais fácil negar-lhes o sustento para obrigá-los a sair do quarto? Seria assim tão simples? Passado esse momento de primeiro *start*, recentemente, participei de outro congresso na UFPR, em Curitiba, e novamente, no momento do debate final, quando as perguntas começaram a movimentar o ambiente, um jovem pesquisador, estudioso de Foucault, perguntou: Onde está o problema? Porque o hikikomori não pode levar a vida da maneira que escolheu? E isso me trouxe novas questões: Seria por conta dos pais que já estão envelhecendo? E quem os sustentaria? Ou seria por questões de um vácuo social? Ou por questões políticas? Será que teríamos todas as respostas para estas múltiplas questões? Talvez se levarmos em consideração o senso comum estas indagações não seriam tão “espinhosas”, mas sabemos da complexidade que envolve cada questão.

Quando pensamos na linguagem do anime e do mangá é inegável observar as transformações e os novos desdobramentos que envolvem o universo otaku/hikikomori. Conforme aponta a teoria Corpomídia, se pensarmos pelo viés co-evolutivo, não é possível imaginar uma separação entre corpo, ambiente e cultura, em que os sujeitos participam das transformações que os atravessam como um fluxo de informações. Seguindo o embasamento teórico de Greiner (2005) e Katz (2004) espero em breve poder complementar algumas das inquietações.

REFERÊNCIAS

- AZUMA, Hiroki. **Otaku: Japan's Database Animals.** (Translation of Dôbutsukasuru posutomodan: otaku kara mita nihon shakai, Tokyo: Ko Gendai Shinsho, 2001). Trans. Jonathan Abel and Shion Kono, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.
- BARRAL, Étienne. **Otaku: os filhos do virtual.** São Paulo: Senac, 2000.
- BREHM, M. (Ed.). **The japanese experience inevitable.** Hatje Cantaz Verlag, 2002.
- BRINTON, Mary C. **Lost in transition.** Youth, work and instability in Postindustrial. Japan: Cambridge University Press, 2011.
- CLARK, Andy. **Supersizing the Mind, embodiment, action and cognitive extension.** Oxford: University Press, USA, 2011.
- DAMÁSIO, António. **Looking for Spinoza: Joy, Sorrow, and the Feeling Brain.** Harcourt. 2003.

- DAMÁSIO, António. **The feeling of what happens: body and emotion in the making of consciousness.** Harcourt, 2000.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes.** São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados.** São Paulo: Annablume, 2005.
- HAUSER. **The evolution of communication.** London: Bradford Books, 1997.
- KATZ, Helena. **TFC, Revista eletrônica de artes cênicas, cultura, humanidades,** São Paulo, v. 1, dez. 2004.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.
- SAITO, Cecília Noriko Ito. Japão e Ocidente nas artes visuais. Do Século XIX à contemporaneidade. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS JAPONESES NO BRASIL – Para além do Japão: Brasil, Canadá e França, 2009, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2009. p. 221-228.
- _____. **Ação e percepção nos processos educacionais do corpo em formação.** São Paulo: Hedra, 2010.
- _____. **Japonicidades: estudos sobre sociedade e cultura japonesa no Brasil Central.** Curitiba: CRV, 2012a.
- _____. Hikikomori e clausura social no Japão. In: **Imagens do Japão 2: experiências e invenções.** Christine Greiner e Marco Souza (Orgs.). São Paulo: Annablume; Fundação Japão, 2012b.
- SAITO, Tamaki. **Shakaiteki Hikikomori (Social Withdrawal).** Tokyo, Japan: PHP kenkyuujo, 1998.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.